



Destinação do lixo eletrônico e dos plásticos compromete a sustentabilidade nas cidades . Págs. 8 e 9

Minas Gerais é o berço de um dos primeiros times de futebol americano do país . Pág. 14

Ano 51 . Ed. 365 . Outubro de 2024 . Jornal-laboratório do Curso de Jornalismo . Faculdade de Comunicação e Artes . PUC Minas

DESERTO URBANO?

Reportagens e artigos tratam da emergência climática e de como o calor extremo, as queimadas e a estiagem marcaram agosto e setembro

Páginas 6-10



Jorge Arbach

A CRISE NOS DEBATES: qual é a razão para a ignorância e a violência na política?

Uma análise dos movimentos políticos no século XXI em uma sociedade da pós-verdade

Larissa Gino . 4º p
Mariele Ferreira . 4º p

Os debates políticos são uma ferramenta da democracia que, na teoria, possibilitam que os candidatos argumentem sobre suas propostas e demonstrem seus conhecimentos a respeito dos problemas do município e de suas carências. Enquanto eles deveriam demonstrar seus valores, os eleitores que os assistem entenderiam mais sobre seus planos de governo e avaliariam qual daqueles sujeitos mais os representam. Mas isso não corresponde à realidade.

O cenário político brasileiro está sendo marcado por diversos quadros de violência e intolerância advindos dos

conflitos ideológicos entre os personagens que compõem as disputas. Aline Scarponi, jornalista da Rede Minas, analisa esse aumento da intolerância, do radicalismo e do desinteresse político: a política nos últimos anos se mostrou muito polarizada, apelando também para elementos da dramatização, como se houvesse uma disputa entre bem e mal.

Uma vez que a população se torna cada vez mais imediatista, ignorante e egoísta, principalmente com a introdução da internet nas interações sociais, os candidatos se aproveitam desse movimento e participam com grande expressividade dessa crise. E os debates durante a campanha eleitoral para as vagas

nas prefeituras das capitais brasileiras são a prova disso.

Uma das principais funções do jornalismo em época de corrida eleitoral é a organização dos debates políticos. Aline Scarponi acredita que muitos dos candidatos participam de debates planejando situações que poderiam viralizar nas redes sociais. De acordo com ela, o foco está menos em propostas e mais em polêmicas "o reflexo dos interesses é da própria sociedade, que curte, comenta e compartilha esse tipo de atuação. Se o candidato menos inclinado à apresentação de propostas perdesse o apoio popular, acredito que reavaliariam as suas condutas. Hoje, esse perfil agressivo, polêmico e debochado, agrada o eleitorado".

De acordo com o sociólogo e cientista político Rudá Ricci, a crise política, especificamente relacionada aos debates, trata-se de um fenômeno que estamos vivendo, descrito por ele como "ampliação da Janela de Overton". A Janela de Overton (nome do autor da teoria) trata do limite moral que cada cultura traça, ou seja, as ações que são aceitas por determinado público para que ninguém seja desrespeitado durante as relações sociais. Nas palavras de Rudá, "nesse teatro, que sendo muito sincero, na minha opinião, a imprensa está alimentando (já que todo mundo quer ver), nós vamos criando um ciclo vicioso onde essa ideia de limite é rapidamente ampliada e superada". Ou

seja, em uma sociedade igualmente sem limites, os candidatos conquistam um público que não procura mais propostas, mas sim entretenimento e desordem.

Scarponi e Ricci concordam com a obrigação não somente de que os políticos mantenham o cumprimento dos acordos e da boa conduta nos ambientes em que estejam exercendo o papel de representantes ou de candidatos. Mas também defendem a necessidade de que a sociedade e as organizações e instituições inseridas no corpo social do Estado atuem na construção de limites, conscientização e na

Rudá Ricci, cientista político, escritor e pesquisador



Agressão em rede nacional gera alerta sobre violência na política



educação do corpo político. A construção de um senso crítico e ético, que busca o aprimoramento da democracia no país e o combate à desinformação, é essencial para a educação política do cidadão.

"O jornalismo enfrenta uma crise de credibilidade em uma sociedade da pós-verdade, onde as pessoas escolhem acreditar naquilo com o que mais têm afinidade, e não na informação cuidadosamente apurada", Aline Scarponi.

ARTIGO DE OPINIÃO

LULA: do antigo ao novo testamento



Capa biografia Lula

Júlia Melgaço . 4º p
Mariana Brandão . 4º p

Eleito como a esperança de grupos progressistas contra a ascensão da extrema direita, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), está cada vez mais distante de alguns ideais das esquerdas e se aproximando do lado neoliberal da política para ter governabilidade. Assim, realiza concessões às elites agrárias e industriais e é amansado pelo Centrão. Amado por significativa parcela do eleitorado e odiado por um grupo também representativo da população, o presidente divide opiniões.

Lula iniciou a carreira po-

lítica no sindicalismo, como metalúrgico, liderando greves no ABC paulista. Co-fundador do PT em 1980, lutou pelas Diretas Já e se elegeu presidente em 2002 após três tentativas. Representou uma vitória para os trabalhadores, apesar de ter se distanciado das bases da esquerda. Pela primeira vez um homem de origem humilde e ligado à luta do proletariado se tornava presidente.

No mandato, trabalhou em campos sociais, como a valorização do salário mínimo e criação do Bolsa Família, aperfeiçoando as políticas do antecessor, FHC. Em 2006 foi reeleito com a maior votação da história do país, mesmo com a crise político-midiática que ganhou o nome de mensalão.

Em 2016, a Operação Lava Jato, sob a direção do juiz Sérgio Moro, levou à polêmica prisão de Lula por corrupção passiva, no mesmo ano em que era favorito nas eleições presidenciais. Moro, um dos artífices da campanha antipepetista, depois se tornou ministro de Jair Bolsonaro (então PSL, hoje PL), que foi eleito enquanto Lula estava inelégível, contribuindo

para o crescimento da extrema-direita no Brasil. Antes de se apresentar à PF voluntariamente, Lula fez um discurso: "não adianta tentarem evitar que eu ande por esse país, porque já existem milhões de Lulas [...] andando por aí. Não adianta tentar acabar com as minhas ideias, elas já estão pairando no ar e não têm como prendê-las. Não adianta parar o meu sonho, porque quando isso acontecer, eu sonharei pela cabeça de vocês."

Após 580 dias preso em Curitiba, a condenação de Lula foi anulada e, em 2022, foi eleito presidente pela terceira vez, em corrida contra Bolsonaro. A campanha teve o tom de repectuação e defesa da democracia, após quatro anos de negociação com os banqueiros e o vice, Geraldo Alckmin (PSB), figura política antes contrária a Lula. A necessidade de atrair apoiadores do centro e da direita, incorporando o verde e amarelo ao tradicional vermelho do PT, já dava pistas das mudanças.

O atual governo Lula é marcado pela tentativa de conciliação entre os dois lados po-



Lula com apoiadores

larizados do congresso, mas desagrada parcelas de ambos. Formou alianças com MDB e PSD, com apoio do PP e do PL para alguns projetos, como a reforma tributária, dialogando com as bancadas ruralistas e industriais.

Além disso, Lula mantém investimentos e boa relação com o agronegócio e militares, se manteve calado no aniversário do golpe de 64 e não propôs nenhuma comemoração ou homenagem às vítimas, decepcionando os defensores dos direitos humanos, perseguidos políticos e familiares

de mortos e desaparecidos no período autoritário. O governo ainda desistiu da presença de militantes do MST no evento do dia 7 de setembro, na Esplanada dos Ministérios.

A campanha de Lula foi pautada em derrotar a direita neofacista, mas o número de concessões do atual governo aponta para possíveis contradições. Alguns apoiadores justificam que a conduta se deve à falta de maioria no parlamento, sendo necessária para a capacidade de governar e consequência da política de cooptação.

Mesmo com ações progres-

sistas, principalmente nos campos sociais, Lula se torna cada vez mais liberal economicamente. A ironia, é que o petista é chamado erroneamente de comunista pela direita conservadora, com cunho pejorativo, demonstrando o desprezo por Lula, mas não se importando em usá-lo como peão. A boa relação com a bancada conservadora precisa acontecer às custas dos apoiadores? A conquista de Lula é uma vitória contra o bolsonarismo e a extrema direita, mas está longe de ser o pleno triunfo da esquerda.



Movimento do ciclismo urbano em Belo Horizonte

Comunidades de ciclistas se unem para lutar em prol da segurança na mobilização urbana

Caroline Saraiva . 5º p
Karen Cristina . 5º p
Mariele Ferreira . 4º p
Rayssa Moura . 4º p

A mobilidade urbana é um tema central nas discussões entre ciclistas em Belo Horizonte, especialmente devido a problemas de infraestrutura e segurança. Ainda que pedalar seja um meio sustentável e saudável, utilizar esse meio de transporte se torna um risco. Segundo o Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), entre janeiro e março de 2023, houve 178 acidentes com vítimas na cidade, criando um alerta sobre as condições que os ciclistas enfrentam na questão de segurança.

Cristiano Scarpelli, funcionário público e voluntário pela causa da mobilidade urbana, tem se dedicado a melhorar as condições de ciclismo em Belo Horizonte. Ele criou os perfis 'ciclorota.bh' no YouTube e Instagram para compartilhar sua luta por melhores infraestruturas.

Apaixonado pelo ciclismo, esporte que pratica há mais de uma década, Scarpelli se juntou a outros ciclistas para promover diversos movimentos pela causa. Juntos, eles já participaram de protestos na Avenida dos Andradas e na Avenida Bernardo de Monteiro, como conta o funcionário público: "Fizemos um ato já no ano passado, com quase 350 ciclistas, após uma série de acidentes, e formamos um grupo de coordenadores de pedais", declarou.

Seus esforços tiveram resultados, especialmente na via 710, onde ocorreriam, de acordo com Scarpelli, uma série de acidentes. Ele conseguiu chamar a atenção de várias emissoras para o local. Como resultado da visibilidade, eles realizaram uma reunião com a prefeitura em que foi estabelecido a instalação de um semáforo e construção de um quebra-molas. Após conquistar as duas demandas anteriores, o grupo voltou a se reunir com o prefeito, que prometeu mais obras no local, entretanto, as ações ainda não foram concretizadas.

Para solucionar parte dos problemas citados pelos ciclis-

tas, a Câmara de Vereadores de BH aprovou o PlanMob, que visa transformar Belo Horizonte em uma cidade mais sustentável e que prioriza a mobilidade ativa, como o ciclismo, para a redução da dependência de veículos motorizados.

Um dos objetivos é construir uma ciclovia de 400 km que conecte a grande BH. Entretanto, atualmente apenas 100 km de ciclovia, dos 400 km previstos, foram construídos. Os 300 km restantes estão com previsão para serem realizados até 2028.

Para Cristiano, a construção dos 400 km de ciclovia em Belo Horizonte é o foco principal na luta pela melhoria da segurança dos ciclistas: "A gente insiste tanto nos 400 quilômetros de ciclovias previstos no Plano Diretor que não são implementados, porque esse é o carro-chefe, o pilar das outras políticas. Essas políticas também deveriam envolver a redução da velocidade dos carros, paraciclos, e incentivos ao uso da bicicleta. Você tem várias formas de incentivar o uso da bicicleta, mas a questão da segurança é o principal. Se eu fosse falar das outras coisas, elas são importantes, mas considero que estão abaixo dessa prioridade."

O amor pelo ciclismo supera os riscos

José Afro Ruas, de 44 anos, conheceu de perto a falta de segurança no trânsito. Em fevereiro de 2023, o ciclista teve a perna amputada após ser atropelado enquanto pedalava na Av. Cristiano Machado. Após fazer a cirurgia de osseointegração - um implante em que o pino é inserido no osso, fazendo com que as células ósseas migram para a superfície do metal - José se programou para voltar a pedalar em fevereiro de 2024, exatamente um ano depois do acidente.

Mesmo com a falta de infraestrutura e os riscos que os ciclistas ainda sofrem quando pedalam, para o esportista, desistir não foi uma opção. Para ele, o ciclismo se diferencia dos outros esportes. "Uma das grandes diferenças que eu

percebo é isso, tem uma socialização que faz diferença! A sensação, o prazer de pedalar, de se desafiar e vencer [...] A cada dia você vai vencendo etapas e a cada dia vai se apaixonando mais".

Segundo o empreendedor Alexandre Matos, dono da EcoMob, os mineiros são os mais apaixonados pelo meio de transporte, mas apenas em momentos específicos. "O mineiro é apaixonado por bicicleta, mas é aquela paixão de se pegar a bicicleta, botar no transbike e sair para fazer uma trilha ou pedalar na Lagoa da Pampulha no sábado. Eu não vejo o mineiro com uma visão de mobilidade urbana". Para ele, é preciso incentivar o uso de bicicletas, especialmente as elétricas, para facilitar a mobilidade em uma cidade que possui muitas ruas íngremes. Além disso, é necessário combater o preconceito contra esse meio de transporte, que é visto como algo elitizado apenas para trilhas, dificultando a aceitação da bicicleta como meio de transporte urbano.

Ainda que haja esse amor pela bike, a segurança fala mais alto. Obstáculos como a falta de manutenção das ciclofaixas, a largura da pista que geralmente é estreita e a falta de conectividade entre as ciclorotas desestimula a utilização da bike como meio de transporte. Na Lagoa da Pampulha ainda é possível ver ciclistas decidindo se irão disputar o espaço com os pedestres no passeio ou com os carros na rua, comprovando que a falta de ciclovias bem sinalizadas impacta não apenas os esportistas, mas todo o trânsito.

O ciclista José Afro concorda com o engenheiro. "Eu acho que o que falta muito é a venda de educação. A educação que eu falo é assim, de berço mesmo, talvez de educação de trânsito, alguma coisa que as escolas podem começar a trabalhar, de mostrar para as pessoas que um erro que ela cometer, ela pode causar uma fatalidade na vida de alguém".



Ciclismo o esporte ao ar livre dos centros urbanos



Represa Saturnino de Brito em setembro de 2024 operando com menos da metade do nível, comparada com março deste ano, quando o nível de capacidade era considerado alto

Helena Dubiel . 2ºp

Poços de Caldas se destaca pela abundância de águas que garantem autonomia de abastecimento e saneamento básico. A história do município está ligada às fontes de águas

termais, conhecidas por propriedades terapêuticas. No entanto, a paisagem marcada por cachoeiras, represas e fontes naturais de águas minerais têm sofrido com a estiagem: não chove na cidade desde o dia 1º de abril, acumulando cerca de 190 dias de seca. Isso fez com que os reservatórios operassem

com menos da metade da capacidade, gerando preocupações e a busca por soluções alternativas para o abastecimento.

O crescimento populacional e territorial da cidade também impacta o cenário. Situada em um vale, Poços de Caldas tem expandido pelas encostas dos morros, dificultan-

Estiagem prolongada desafia a cidade das águas

Reservatórios em queda acendem alerta em Poços de Caldas, no Sul de Minas

do a infiltração das águas pluviais. Esse escoamento superficial alimenta as represas do Cipó e Saturnino de Brito, responsáveis pelo abastecimento da população. No mês de outubro, a medição de controle feita pelo DMAE apontou que a represa do Cipó alcançou apenas 41,58% de seu volume útil, enquanto a Saturnino de Brito está com menos de 29%.

As águas termais da cidade, muito procuradas nos balneários, também podem ser afetadas pela seca. Teresa Alvizi, fisioterapeuta e termalista, explica que essas águas provêm da chuva e percorrem cerca de 1.200 metros de profundidade antes de emergirem. "A falta de água impacta o turismo, pois a cidade é famosa por suas águas", comenta ela, destacando a preocupação com o futuro. Até agora, no entanto, as águas termais não registraram mudanças significativas em virtude da seca.

Para Daniel Pimenta, Engenheiro Ambiental e professor da PUC Minas em Poços de Caldas, a atual condição reflete uma emergência climática, devido ao aquecimento global e às mudanças do clima, o que agrava a situação, até mesmo na cidade que sempre teve água em abundância. "As mudanças climáticas experienciadas em Minas e em outros Estados são reflexo da realidade que vivemos, mas ainda é possível pensar em alternativas para melhorar a situação atual, tais como buscar alternativas de energia mais renovável, que lancem menos CO2 na atmosfera, reduzindo a emissão de carbono. Já para o Município, uma alternativa seria a hipótese do aumento dos reservatórios e a ampliação das nascentes", comenta.

Paulo Silveira, supervisor de controle e operações do DMAE, afirma já ter planos para o aumento da captação

de água na Represa do Cipó, que é 34 vezes maior que a Represa Saturnino de Brito, já que ambas abastecem a cidade. "Neste momento é feita a captação de água em outros mananciais para que não falte água nos domicílios. Essa ação possibilitou a coleta de 31 milhões de litros. Poços de Caldas nunca teve racionamento de água, porém, é importante que a população colabore antes que falte, vamos usar com sabedoria o que se tem", recomenda.

O DMAE faz manobras para manter o abastecimento de água potável na cidade, por meio de um rodízio, onde há o fechamento temporário do fornecimento em uma região para o abastecimento de outra, intercalando entre os reservatórios da cidade. Essas manobras duram em torno 5 horas, até que o reservatório de determinada área da cidade se recupere.

Não chove nem molha: como a estiagem tem afetado pequenos produtores de Poços de Caldas

Elevação no preço dos alimentos é o principal efeito apresentado pela falta de chuva, problema que reflete também no bolso dos consumidores

Gabriela Maciel . 6ºp
Julia Martins . 6ºp
Laura Faria . 6ºp
Mariana Alves . 6ºp

O calor intenso e a falta de chuvas nos últimos meses em Poços de Caldas, no Sul de Minas, vêm impondo um ritmo diferente à vida no campo e ao trabalho dos pequenos produtores rurais. Gustavo Henrique de Souza, um dos produtores locais, enfrenta a escassez de água com preocupação. "Agora está crítico, né? Tem que fazer racionamento de água. Diminuiu a plantação já pela metade... E é até onde a água der. Depois que acabou? Acabou", conta ele. Em uma das feiras-livres a que deve seu

sustento, as alfaces expostas estão menores, e é perceptível a queda de qualidade. "A falta de água afeta bastante. O produto fica mais ruim, fica menor. A alface, por exemplo, fica mais firme, dura", relata.

Outro agricultor de hortaliças, Emerson Batista, também busca conciliar a necessidade de irrigação com a pouca água disponível, o desafio que se espalha entre todos os que dependem do plantio para sobreviver. "A gente planta pouquinho. Rega uma hora por dia, meia hora cedo, meia hora tarde... para não sentir a falta da água", relata.

A crise hídrica não afeta somente aqueles que trabalham com hortaliças. O café

plantação tradicional e popular no sul de Minas, também sofre com a seca que, ao acontecer agora, só mostra a perda na colheita do próximo ano. Antônio Bernardino Ferreira, que cultiva café, vê um futuro incerto para a colheita do fruto. "Eu acho que a florada não vai vinghar, porque está murchando", relata.

Do ponto de vista institucional, Nilton César Azevedo, coordenador do Fomento Agropecuário da Sedet (Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Trabalho), destaca os desafios enfrentados por todos os produtores familiares: "Se não tem água, a hortaliça não cresce. E quando chega na feira, o consumidor



Emerson Batista, pequeno produtor, em sua banca de hortaliças na feira-livre

final percebe que ela está feia." comenta. "Chegam alguns momentos que se eles não fizerem reajuste de preço, eles não conseguem trabalhar."

Com a produção comprometida e a qualidade dos produtos em queda, a possibilidade de aumento nos preços é uma preocupação constante para os produtores. Embora muitos ainda os mantenham inalterados, a tendência é que, se a seca persistir, os custos acabem subindo. "Acredito que se continuar mais 15 dias des-

se jeito, vai dar uma diferença nos preços", afirma Gustavo. Essa elevação pode impactar diretamente o consumidor, que verá uma oferta reduzida e produtos de menor qualidade.

Um reflexo disso é apresentado pelo CEASA (Centro de Abastecimento de Alimentos) de Poços de Caldas. Segundo os dados de cotações levantados pela empresa entre os dias 01 a 08 de outubro, maior período de estiagem na cidade, os alimentos que

mais sofreram aumento nos preços foram as hortaliças, com 16,99% de variação.

Quando perguntados sobre possíveis soluções, a única resposta é que venha a chuva. De acordo com o ClimaTempo, as chuvas estão previstas apenas para o final de outubro e, ainda assim, quedas rápidas e isoladas. Para os produtores, isso sinaliza um alerta e temor pelas plantações. "Só se for um milagre para salvar", conclui Antônio Bernardino.



EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

2024 é considerado ano crítico da série histórica

Karenn Rodrigues . 4ºp
Wallison Leandro . 6ºp

Em Minas Gerais, o impacto das mudanças climáticas tem se tornado cada vez mais evidente, refletindo diretamente no aumento significativo dos registros de incêndios atendidos pelo Cor-

po de Bombeiros. De acordo com os dados mais recentes de 2024, a quantidade de registros de incêndios em vegetação até o momento já totaliza 27.834, representando um aumento de mais de 60% em relação ao ano de 2023, quando os bombeiros atenderam 17.135 ocorrências.

O levantamento dos Bom-

beiros indica que setembro de 2024 foi o mês mais crítico, com 6.667 registros, um aumento de 124% em relação a setembro de 2023 (2.974 casos). O segundo mês com mais ocorrências foi agosto de 2024, com 6.105 registros, o que representa um aumento de 85% em comparação a agosto de 2023 (3.299 casos).

O agravamento das mudanças climáticas em Minas Gerais

De acordo com o meteorologista Ruibran dos Reis, as mudanças climáticas estão avançando de forma acelerada, com efeitos que eram esperados apenas para meados do século se manifestando agora. "O valor de 1,5°C de aumento na temperatura global, que o IPCC previu para 2050, pode ser atingido ainda este ano ou no próximo, devido ao aumento das emissões de carbono nos últimos anos. Isso torna a situação quase irreversível", afirma. Segundo o especialista, a falta de ação de governos em todo o mundo tem sido um dos principais fatores que agravam a crise.

Ruibran também destaca os impactos no Brasil e em Minas Gerais, explicando que as regiões do Triângulo Norte e Noroeste do estado são as mais vulneráveis, por estarem distantes do Oceano Atlântico, que tem um efeito moderador sobre o clima. "O oceano demora para aquecer e para esfriar, o que ajuda a amortecer os efeitos das mudanças climáticas nas áreas próximas ao litoral. Já no interior de Minas, especialmente nas regiões mais secas, os impactos são mais severos", explica.

Além disso, o especialista indica que o Sul de Minas, a Zona da Mata e a região Leste do estado são as áreas que mais sofrem com as enchentes e inundações, um fenômeno que tem se intensificado devido às mudanças no regime de chuvas. "Hoje, as chuvas tendem a ser mais intensas e concentradas em um curto espaço de tempo, o que gera enchentes e deslizamentos de terra".

A influência do desmatamento

Outro ponto importante levantado por Ruibran é a influência do desmatamento na Amazônia sobre o clima global e, em particular, sobre o regime de chuvas em Minas Gerais. "A Amazônia é responsável pela formação de uma massa de ar úmida que organiza as chuvaradas no estado, principalmente durante o período de chuvas."

"Quando provocamos queimadas, diminuímos a quantidade de umidade transferida para a atmosfera, o que pode comprometer o ciclo de chuvas em outras regiões" - Ruibran dos Reis, meteorologista. Apesar disso, ele desta-

ca que outros fatores também afetam o clima, como a circulação de umidade do Oceano Atlântico, o que torna o impacto do desmatamento da Amazônia relevante, mas não isolado. "A queimada tem influência, mas não é o único fator que pode alterar o clima de forma tão significativa", completa.

Ruibran enfatiza que a emergência climática é o reflexo direto das mudanças climáticas globais, resultando em catástrofes naturais cada vez mais frequentes. Ele ressalta a importância das Conferências das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP), que reúne cientistas e governantes anualmente para discutir medidas. No entanto, ele lamenta a falta de ação concreta: "Nenhum país do mundo está querendo diminuir a emissão de gases de efeito estufa. Então, não se chega a conclusão nenhuma, ninguém quer pagar a conta e não há previsão dessa situação mudar." A próxima COP será realizada em Belém, no Brasil, mas o meteorologista alerta que, sem compromissos reais, não haverá mudança significativa no médio e longo prazos.



Você sabe a diferença entre clima e tempo?

Tempo refere-se às condições atmosféricas momentâneas em um local específico, como temperatura, umidade, precipitação e ventos. Essas condições podem mudar rapidamente, e as previsões do

tempo cobrem períodos de até 15 dias. Por exemplo, quando se avalia se vai chover amanhã ou se teremos um dia ensolarado, os meteorologistas estão falando de tempo.

Já o clima se refere a uma média das condições atmosféricas observadas ao longo

de um período maior, geralmente meses ou anos. Ele representa um padrão típico de uma região, incluindo as estações do ano. O meteorologista Ruibran dos Reis explica que, em Minas Gerais, por exemplo, há duas estações bem definidas: a estação

seca, de abril a setembro, e a estação chuvosa, de outubro a março. O clima reflete a média dessas condições ao longo do tempo, considerando fatores como a radiação solar e fenômenos globais, como o El Niño, que afeta temperaturas e padrões de chuva.

Lixo eletrônico e plásticos representam desafios para a sustentabilidade

Produção crescente de resíduos demanda maior atuação das cooperativas e investimentos em reciclagem, logística reversa e educação ambiental

João Augusto . 4º p
Marina Saddi . 2º p
Raul Varoni . 4º p
Rayssa Moura . 4º p

A produção de lixo vem crescendo nos últimos anos e o aumento do consumo de materiais plásticos e eletrônicos é preocupante. Segundo dados do relatório Global Waste Management Outlook 2024, desenvolvido pela International Solid Waste Association (ISWA) e pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), no Brasil, até 2050, a produção de resíduos deve crescer mais de 50% e poderá alcançar 120 milhões de toneladas por ano. Segundo o instituto, o número demonstra que o país carece de ações urgentes. Diante do aumento do consumo e de novos hábitos, o descarte também aumenta.

Conforme dados da ONG Oceana divulgados no último dia 17 de outubro, o Brasil é o maior poluidor da América Latina e o oitavo do globo considerando o descarte de plástico no oceano. A ONG calcula que 1,3 milhão de toneladas sejam lançadas anualmente, conforme o relatório "Fragmentos da Destruição". Sendo que apenas 10% do plástico produzido no planeta é reciclado. O consumo de descartáveis em delivery de comida (como talheres, sachês, isopor, sacolas e potes plásticos) é um dos fatores que preocupam especialistas, pois aumentou 46% entre 2019 e 2021, conforme a Oceana.

E se você acha que por quase não usar mais papel ou plástico sua responsabilidade

diminui, não se engane. De acordo com o relatório The Global E-waste Monitor 2020 da Universidade das Nações Unidas, o Brasil gera 2,4 milhões de toneladas de lixo eletrônico por ano, ocupando a quinta posição mundial entre os maiores produtores desse tipo de resíduo.

O plano nacional de resíduos sólidos estabelece que fabricantes e importadores devem recolher, em 2024, 12% dos produtos comercializados. Para o próximo ano, a meta sobe para 17%. Para alcançar esses números, o setor conta com 6.250 pontos de coleta voluntária espalhados pelo país. Mas ainda tem gente com dúvida sobre o que pode ser reciclado e como descartar. Alguns tipos de papéis, metais, plásticos e isopor são recicláveis e devem ser separados do lixo comum.

O descarte incorreto de lixo eletrônico pode causar sérios danos ambientais. A incineração desses materiais libera substâncias tóxicas, como dioxinas e furanos, que são altamente prejudiciais tanto à saúde humana quanto ao meio ambiente.

"As lâmpadas podem liberar elementos químicos que contaminam o solo e a água, enquanto as pilhas, se descartadas inadequadamente, podem liberar líquidos tóxicos", alerta Miriam Lopes, coordenadora pedagógica do Centro de Educação Ambiental do Programa de Recuperação e Desenvolvimento Ambiental da Bacia da Lagoa da Pampulha (CEA Propam).

A falta de um sistema de logística reversa efetivo para esses produtos contribui para o acúmulo de resíduos perigosos, que muitas vezes acabam em lixões. Por isso Miriam avalia que a conscientização e a educação ambiental são vitais para que os cidadãos entendam a importância da destinação correta dos resíduos. "A experiência mostra que, muitas vezes, a iniciativa para descartar corretamente o lixo eletrônico fica a cargo

do cidadão, que precisa andar longas distâncias para encontrar um ponto de coleta", relata. A situação se agrava nas comunidades de menor renda. "Os pontos de coleta seletiva nas periferias muitas vezes estão abandonados ou superlotados de lixo impróprio. A falta de fiscalização e de investimento contribui para isso", denuncia Miriam.

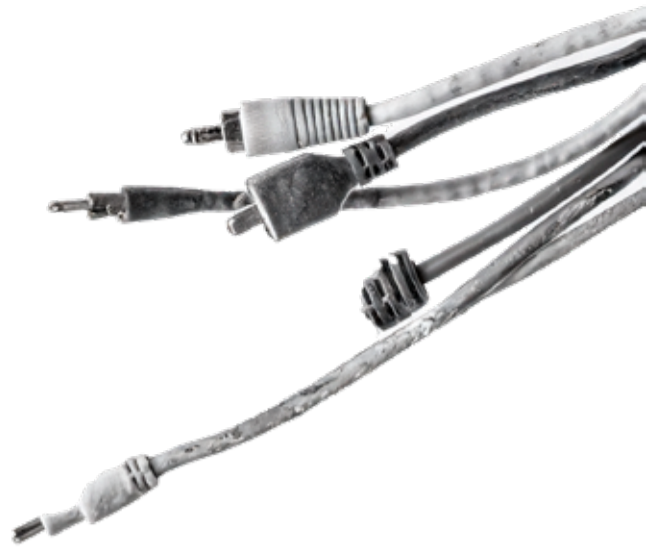
De acordo com Celso Frison, coordenador do curso de Engenharia Elétrica da PUC

Minas Poços de Caldas, o descarte correto de materiais considerados nobres auxilia o trabalho das cooperativas. "Muitos desses eletrônicos são nocivos à saúde. Quando descartados de forma incorreta, materiais tóxicos podem retornar à sociedade, contaminando a população e os animais. O recolhimento adequado possibilita que as cooperativas de reciclagem façam a separação e reutilizem esses materiais em novos produtos", afirma.

Frison também enfatiza o impacto positivo de uma nova

lei municipal, sancionada em Poços de Caldas, no Sul de Minas, em março deste ano. A norma institui o Programa de Coleta Seletiva Contínua de Resíduos Eletrônicos e Tecnológicos. A legislação estabelece diretrizes para o descarte adequado desses resíduos e exige que comerciantes do setor disponibilizem pontos de descarte visíveis, com instruções sobre a forma correta de descarte, e esses resíduos precisam ter um destino adequado."

FOTO GERADA POR IA



Reciclagem solidária

A reciclagem é uma forma de diminuir os impactos, mas, segundo Andressa Nunes, coordenadora do Eixo de Reciclagem Inclusiva e Solidária do programa de extensão Saberes e Inovações para a Sustentabilidade (Sabíais), a população ainda está pouco consciente e envolvida no processo de reciclagem dos resíduos. Ela critica a postura do Estado em relação a isso: "Acho que passa muito pela própria postura dos governos, em suas diferentes esferas, que pouco fazem para trabalhar essa conscientização." Andressa afirma que as cooperativas e associações estão dispostas a apoiar as atividades de conscientização, mas falta vontade e ação por parte do poder público.

A reciclagem solidária é uma iniciativa para incentivar a transformação e reutilização desses materiais, valorizando a qualidade de vida. Além da contribuição com o meio ambiente, reduz o consumo de recursos naturais, poupa energia e água, diminui o volume de lixo, gera renda e emprego, e contribui para a inclusão social.

Em relação à comercialização desses produtos por meio das cooperativas, Andressa, explica que, atualmente, as cooperativas trabalham com uma lista de materiais que são mais rentáveis e outros que são mais difíceis de serem comercializados. E elas separam e fazem com esses materiais o trabalho necessário para dar continuidade às atividades. Andressa descreve também um problema em relação a alguns produtos: "O alumínio das latas de bebidas, por exemplo, é muito valorizado, mas acaba chegando pouco nas cooperativas, pois os catadores e catadoras autônomas se encarregam de coletar e vender por eles mesmos." Segundo ela, outros materiais, como papelão e alguns tipos de plástico, trazem bons rendimentos, a depender da época.

A reciclagem solidária, uma abordagem essencial para a gestão de resíduos e inclusão social, enfrenta diversos desafios no Brasil, especialmente nas práticas de coleta seletiva. As dificuldades incluem a regularização e a melhoria das condições de trabalho nos galpões. A competição com empresas que possuem maior poder de negociação e a impor-



Coleta de materiais recicláveis em Belo Horizonte



Pontos de coleta de resíduos seletivos muitas vezes ficam sobrecarregados e recebem lixo impróprio

tação de materiais recicláveis, que desvaloriza o que é coletado localmente, agrava ainda mais a situação.

As associações de recicladores têm atuado para melhorar as condições de trabalho, reivindicar preços justos na comercialização e aumentar a renda dos associados por meio de movimentos sociais, como a Rede Cataunidos e Ancat. Essas redes buscam maior representatividade e poder de negociação junto ao poder público, assegurando que a coleta seletiva beneficie tanto o meio ambiente quanto os catadores.

Conforme Andressa, o movimento busca um modelo de desenvolvimento que valori-

ze a inclusão social e a sustentabilidade, essenciais para enfrentar os desafios ambientais e sociais contemporâneos.

Segundo Andressa, cooperativas oferecem suporte técnico e financeiro, sempre respeitando a autonomia de cada associação. Iniciativas de capacitação são fundamentais, mas o foco permanece na qualidade do trabalho e no cuidado com a saúde dos catadores. A informalidade no setor é um desafio a ser superado, uma vez que muitos catadores autônomos enfrentam vulnerabilidades. As associações buscam se articular com os governos para encontrar soluções que possam

formalizar esses trabalhadores, garantindo-lhes direitos e melhores condições.

Apesar dos desafios, a conscientização e o apoio à economia circular representam caminhos promissores. A relação entre a economia circular e a reciclagem solidária fundamenta-se na busca pelo "zero waste" (lixo zero), um ideal que busca, por meio do consumo consciente, comprometimento com a recuperação ambiental e a reversão da crise climática.

Consulte locais de descarte do lixo eletrônico no site do Colab.



Política Nacional de Resíduos Sólidos

A Lei nº 12.305/10, que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) contém instrumentos importantes para permitir o avanço necessário ao país no enfrentamento de problemas ambientais, sociais e econômicos decorrentes do manejo inadequado dos

resíduos sólidos. Entre as medidas estão, redução na geração de resíduos, consumo sustentável, aumento da reciclagem e da reutilização dos resíduos, responsabilização compartilhada dos geradores de resíduos; criação de metas para a eliminação dos lixões.

Plano Nacional de Resíduos Sólidos

O Plano Nacional de Resíduos Sólidos (Planares), instituído pelo Decreto Nº 11.043, de 13 de abril de 2022, apresenta diretrizes, estratégias, ações e metas para viabilizar a PNRS. Como metas, além do encerramento de todos os lixões, é previsto o aumento da recuperação de resíduos para cerca de 50% em 20 anos. Assim, metade do lixo gerado deverá fazer de ser aterrado e passará a ser reaproveitado por meio da reciclagem, compostagem, biodigestão e recuperação energética.

Cabe saber se União, estados e municípios estão fazendo os investimentos para que isso se efetive.

"Precisamos de mais ações concretas, não apenas da conscientização, mas também de uma fiscalização rigorosa e de um compromisso com a logística reversa, como prevê o Plano Nacional de Resíduos Sólidos", defende Miriam Lopes, coordenadora pedagógica do CEA Propam, instituição que trabalha com o ensino ecológico e com apoio à coleta de lixo.

Logística Reversa

A PNRS introduziu a responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos e a logística reversa. A responsabilidade compartilhada envolve fabricantes, importadores, distribuidores, comerciantes, consumidores e serviços públicos, visando minimizar resíduos e reduzir impactos ambientais e à saúde. Já a logística rever-

sa deve promover a coleta e reintegração de resíduos ao setor empresarial para reaproveitamento ou destinação adequada. A implementação pode ocorrer de três formas: por regulamento público, por acordos setoriais entre o governo e empresas, ou por termos de compromisso.

FOTO GERADA POR IA

De horizonte belo a deserto urbano: o calor que sufoca Minas e o Brasil

Arthur Tadeu . 29p
Ian Lima . 29p

Acordar em Belo Horizonte, na primeira semana de setembro, é como abrir os olhos e se deparar com uma desilusão. A sensação de desespero ao perceber que o horizonte belo, que sempre nos entregou um encontro sereno entre o céu azul, as montanhas e o verde atrativo, agora se transforma em uma vasta camada de cinza. É como se a nossa cidade, conhecida por sua beleza natural, estivesse começando a refletir a paisagem cinza e nada vistosa que

há anos preocupa São Paulo. Belo Horizonte, a cidade que costumava ser um refúgio de paisagens deslumbrantes e qualidade de vida invejável, está começando a perder sua essência. As notícias nos desolam. Ligamos a televisão e recebemos manchetes alarmantes, como a da forte onda de calor e das queimadas devastadoras que consomem nossas serras. Mudamos para o rádio, e o cenário é igualmente sombrio: Comentam que estamos há meses sem um pinga de chuva.

O céu, antes um manto azul acolhedor, agora nos ob-

serva com um cinza completamente opaco. No início de 2023, a barragem da Vargem das Flores, que alimenta as grandes regiões metropolitanas de Belo Horizonte, como Contagem e Betim, estava cheia até a borda, com impressionantes 98% de sua capacidade. Hoje, no entanto, o que vemos é uma realidade desalentadora e preocupante: A barragem está com apenas 48% da capacidade total.

Acordar no calor e ir dormir na quentura. Essa tem sido a realidade também de quem vive no Norte do estado de São Paulo, nos estados

de Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso e no Triângulo Mineiro, região que constou, numa terça-feira, segundo dados do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), umidade relativa do ar menor que nos desertos do Saara e do Atacama.

Os governantes, desde os municipais até os federais, não parecem se preocupar com a situação. Em meio ao período eleitoral, era esperado que surgissem ao menos propostas e promessas em relação a esta causa, algo que ainda não se concretizou nas campanhas. Infelizmente, o negacionismo climático tem tomado força

no país, algo que está evidente há algum tempo e tomou mais força ainda este ano, com a tragédia das enchentes no Rio Grande do Sul.

Naquela ocasião, Eduardo Leite, governador do estado gaúcho, disse que não era "hora de procurar culpados pela tragédia", após alterar 480 normas do código ambiental do RS em 2019. A situação evidenciou o negacionismo, a negligência e a irresponsabilidade de agentes públicos em relação à crise climática.

Com a proximidade das eleições, seria crucial que os candidatos priorizassem comba-

ter ou mitigar a crise climática. O tempo seco, as queimadas e o forte calor em Minas Gerais e em estados vizinhos são sinais de uma crise que exige ação imediata. Não podemos mais aceitar promessas vagas. Espera-se que os futuros prefeitos, governadores e presidentes apresentem propostas claras e eficazes para enfrentar os desafios ambientais em todo o Brasil. A saúde das nossas cidades e do nosso povo dependem dessas decisões. É hora de exigir compromisso real com a sustentabilidade e a proteção do meio ambiente.

CRÔNICA

Sobrevivendo no Inferno

Arthur de Pinho . 29p
Bruna Sarnaglia . 29p

Acordei cedo e meu quarto parecia diferente. Vários panos úmidos, ventilador ligado, janela aberta e baldes de água espalhados. Foram minhas tentativas (falhas) de burlar o calor e a secura de Belo Horizonte nos últimos dias. Minha garganta estava seca e tive que correr para tomar um gole de água que me pareceu melhor do que o normal. Meu banho, normalmente muito quente, hoje teve que ser gelado, para tentar amenizar o calor. Saindo do banho, fui conferir as notificações no celular; e a primeira delas era um aviso da Defesa Civil: "Alerta Laranja de Onda de Calor."

Olhando da janela, a linda paisagem de Belo Horizonte hoje estava diferente. Parecia triste, sem vida. Coberta de uma fumaça que tornava impossível ver os prédios mais distantes ou mesmo a Serra

do Curral, que eu me acostumei a admirar nas manhãs. Saindo de casa, o cheiro de queimada me deixou desconfortável, e a cidade parecia ainda mais estranha pessoalmente. A fumaça afetava as vistas e a garganta, e o calor me deixou suando nos poucos minutos de caminhada entre minha casa e o ponto de ônibus. Na chegada do ônibus, pontualmente às 7h30, aquela multidão vai entrando e se acomodando, e mesmo com as janelas abertas, a sensação térmica parecia estar muito alta para o horário.

Chegando à faculdade, encontrei-me com alguns colegas, que pareciam mais indispostos que o normal. Na subida até nosso prédio, que normalmente é agradável por conta dos ventos e das sombras projetadas das árvores, hoje parecia uma caminhada pelo deserto. Mesmo com quatro ventiladores ligados e todas as janelas abertas, nada mudava. O tempo muito seco me deixava com sede, saí da

sala mais de quatro vezes para beber água, e ela parecia evaporar antes de chegar à garganta. A salvação do dia foi a nossa ida ao laboratório da faculdade, que parecia ou-

tro planeta. O ar-condicionado estava ligado e eu escolhi o lugar que batia vento, por alguns segundos até parecia sentir frio. Não queria sair dali nunca mais. Minha alegria

durou pouco e tive que voltar para a sala de aula.

Após o fim das aulas, finalmente cheguei em casa e pude novamente tomar um banho refrescante e dormir

com o ventilador ligado e as janelas abertas, em uma nova tentativa de burlar o calor e a secura de Belo Horizonte. Obviamente não foi suficiente, mas foi o que eu podia fazer.



Fumaça das queimadas que marcaram os dias mais secos esconde vista da Serra do Curral

DULCE ALBAREZ

MÚSICA POPULAR BRASILEIRA: Estilo musical composto por atemporalidade e potência atravessa séculos

Cantores de MPB têm ingressos de turnê esgotados

Ana Paula Valentim . 4º p

A MPB, sigla que significa Música Popular Brasileira, surgiu na década de 1960 no Rio de Janeiro durante a Ditadura Militar. De caráter protestante, sendo meio para criticar de forma genial a Ditadura e o Golpe Militar através das letras, a MPB marca a segunda geração da Bossa Nova e é composta pela fusão de ritmos musicais pré-existentes a ela. Devido às mudanças sofridas pela Bossa Nova e à influência do jazz norte-americano nas músicas brasileiras, inclusive o samba, indivíduos que a defendiam e estudantes que prezavam pela música nacional se agruparam para formar uma oposição ao regime militar levando ao surgimento do estilo musical Música Popular Moderna, ou MPM, atual MPB. As denúncias e protestos nas canções eram, muitas vezes, reproduzidos disfarçadamente para que os artistas não fossem perseguidos pelos ditadores, já que não era permitido se opor à ditadura, fator que minava a liberdade de expressão e fortalecia a censura. Alguns exemplos de músicas que denunciavam o regime foram "Cálice", de Chico Buarque e Milton Nascimento, e "Pra Não Dizer Que Não Falei das Flores", de Geraldo Vandré.

Apesar do gênero musical ter se manifestado na década de 60, alguns elementos do MPB tiveram aparição já no século XVI, como sons e cantigas provenientes de europeus, africanos e povos originários (indígenas). Nesse sentido, vê-se como a identidade do povo brasileiro está intrinsecamente ligada à música popular brasileira armazenando diversidade, cultura, história e, claro, sendo voz e expressão para a nação, servindo de resistência em um período ditatorial e opressor. O samba, gênero musical brasileiro que se enquadra dentro do MPB, e o pagode eram bastante tocados em rodas de capoeira e durante o carnaval por negros escravizados no Rio de Janeiro no início do século XX. Isso explicita a relação entre



Os irmãos Caetano Veloso e Maria Bethânia, ícones da Música Popular Brasileira, se apresentam em turnê pelo país

MPB, questões étnico-raciais, religiosidade e costumes, como uma festa popular, por exemplo. Nesse período, alguns artistas populares de MPB eram Donga, compositor de "Pelo Telefone" - o primeiro samba composto -, e Pixinguinha. As rádios brasileiras impulsionaram bastante o alcance do MPB entre os brasileiros, dentre os cantores mais tocados estavam: Ary Barroso, Carmen Miranda, Luiz Gonzaga - esse cujas pautas tratavam acerca da seca no nordeste -, Tom Jobim, João Gilberto e muitos outros. No auge do MPB, que foi em 1960, a televisão também foi meio de propagação do gênero, inclusive a TV Record organizou o Festival de Música Popular Brasileira na qual foram lançados grandes nomes, como: Milton Nascimento, Chico Buarque, Elis Regina, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Edu Lobo. Na década

seguinte, as baianas Maria Bethânia e Gal Costa e outros nordestinos como Alceu Valença, Elba Ramalho e Djavan também fizeram bastante sucesso. Nos anos 1980 e 90, o rock do Brasil recebeu influências internacionais que eram manifestadas através de letras com temáticas de amor, causas sociais e juvenis, pelos artistas Rita Lee, Cazuza, Cássia Eller, Raul Seixas, entre outros. No século atual, as bandas de rock em destaque são: Charlie Brown Jr, Skank, Detonautas e CPM 22. Esses cantores são importantes para que as gerações atuais e futuras compreendam o passado do nosso país, valorizem a música como instrumento de luta pelas causas da sociedade e se inspirem para dar continuidade à reivindicação de nossos direitos a fim de alcançar uma realidade com menos desigualdades. Cantos

de MPB têm músicas tocadas em todo o mundo, fator que comprova a relevância e a potência da música brasileira, já que é reconhecida internacionalmente; a união de estilos musicais diferentes, a renovação do estilo musical pós-declínio da Bossa Nova e a manifestação cultural contra o Regime Militar são legados deixados pelo MPB e diversas canções têm letras atemporais. Além disso, é muito importante ter cantores negros e nordestinos na música brasileira para combater a xenofobia e o estigma de que não são pessoas inteligentes. O ex-presidente Jair Bolsonaro associou o fato do presidente Lula ter liderado votos no Nordeste ao analfabetismo, o que vai em contrapartida às letras com mensagens cheias de excelência dos nordestinos Gilberto Gil e Maria Bethânia, por exemplo.

Maria Bethânia e Caetano Veloso fizeram uma turnê no Brasil em 2024, considerada como a mais esperada, lotando shows e confirmando que o amor pela MPB ainda existe nos corações dos fãs brasileiros. A turnê passou por cidades como: Rio de Janeiro, Curitiba, Belo Horizonte, Belém e passará por Recife, Fortaleza e São Paulo - tendo encerramento no dia 18 de dezembro no Allianz Parque. Em Belo Horizonte, o show aconteceu no dia 7 de setembro, no Mineirão, reuniu milhares de pessoas num evento com os irmãos juntos pela primeira vez desde 1978. Houve homenagem à Gal Costa, músicas sobre a infância deles em Santo Amaro (BA) e momentos da dupla cantando junto e também a sós. Roberta Ramos, graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Montes

Claros, afirma ter adorado a experiência do show: "Fui a um show da Maria Bethânia, e foi uma experiência transcendental. Ver aquela mulher no palco, com sua voz compartilhada de emoção, foi como estar diante de algo maior. O que mais me marcou foi a força das palavras dela, o jeito como ela interpretou cada verso com uma verdade tão visceral que emocionou em vários momentos".

A professora também declarou que seu primeiro contato com MPB foi em casa, na infância, ouvindo o que seus pais ouviam: "Eles sempre escutaram Chico Buarque, Caetano Veloso, Gal Costa, e eu fui crescendo envolvida por essas canções que falam ao coração de um jeito único. Foi assim que entendi, mesmo sem saber, que a MPB tem uma força que nos conecta às nossas raízes, às nossas emoções", finaliza.

O cantor baiano Gilberto Gil anunciou sua turnê de despedida para o ano de 2025 intitulada de "Tempo Rei". O primeiro show será em sua cidade natal, Salvador, no dia 15/03/2025 e, o último, será no dia 22/11/2025 em Recife. A turnê também passará por: Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Belo Horizonte, Curitiba, Belém e Fortaleza. De acordo com o artista "Chega de tanta correria! Houve reflexão sobre este momento e também sobre a exigência física necessária para esses grandes shows". Gilberto Gil, um dos criadores do movimento Tropicalista, ingressou na música na década de 50 tocando acordeão e, alguns anos depois, participou do Festival de Música Popular Brasileira de 1967, consolidando-se no cenário musical do MPB. O nome da turnê está relacionado ao fato de Gil estar há 43 anos trabalhando com música, viajando por diversos municípios e construindo histórias que serão levadas para os palcos em "Tempo Rei". As vendas dos ingressos iniciaram em agosto e vão de R\$ 90 a R\$ 1.580. Apesar de afirmar que iria se distanciar dos palcos em 2025, o cantor repensou e decidiu diminuir o fluxo de suas apresentações.

ROBERTA RODRIGUES RAMOS

Como a cultura do Rap estadunidense dos anos 90/00 veio para o Brasil

O rap é um dos estilos musicais mais populares e mais rentáveis por várias décadas

Bernardo Batista Alves . 42p
Gabriel Arlindo . 42p
Marina Saddi . 22p

O Rap, que significa Rhythm And Poetry, se mantém no cenário musical com características únicas, como batidas lentas e aceleradas e letras que falam sobre política, contextos raciais e questões sociais. O Rap permite aos ouvintes a valorização de si mesmos e do lugar aonde vivem, além da aquisição de informação e conhecimento e substituição da violência pela força das ideias e das palavras.

Originado na Jamaica, na década de 60 e previamente chegando aos Estados Unidos na década de 70, o Rap e a cultura do Hip Hop se mantêm em alta até os dias de hoje, apesar de perder um pouco de espaço para sua vertente, o trap. Pode-se dizer que o estouro do Rap veio no início da década de 80, quando o gênero passou por uma mistura en-

volvendo outros estilos musicais, o que fez com que o estilo musical se tornasse cada vez mais popular. Uma característica marcante do rap é o uso de Samples nas músicas, que consiste em recortar ou repetir trechos de uma música ou gravação preexistente para criar uma nova melodia. O rap apresenta milhares de samples históricos, entre eles, temos o de B.I.G, em Big Pop-pa, se inspirando no som, Between the Sheets, da banda The Isley Brothers.

É possível afirmar que o auge do rap nos Estados Unidos se deu nas décadas de 80 e 90, principalmente pela participação de grupos na cena como o N.W.A, Wu-Tang Clan e Compton's Most Wanted, além do sucesso individual de alguns artistas, que chegaram a movimentar a cena musical mundial da época, como a lendária rixa entre Tupac Shakur e Notorious B.I.G, que gerou uma das maiores diss

track da história do rap, (que se consiste em uma canção criada com o principal propósito de expor e insultar alguém, geralmente outro artista) a icônica Hit'Em Up.

Outro traço marcante deste grande gênero musical, além da mistura de ritmos intensos e rimas poéticas que integram o contexto social, cultural e político de onde o rapper está inserido, é o freestyle, onde os rappers improvisam suas letras a partir da base que o Dj coloca como trilha. Essa característica demonstra a criatividade e raciocínio rápido de um rapper e ficou fortemente marcada na presença de batalhas de rap, que foi um movimento muito popular, nascido nas ruas do Bronx, em Nova Iorque. Através das batalhas de rima, diversos grandes nomes do rap foram revelados, como o Eminem, que tem um pouco da sua história contada na sua biografia, 8 Mile - Rua das ilusões, lançada em 2002.

Um dos eventos mais marcantes envolvendo o rap americano, sem dúvidas foi o da Morte de Tupac Shakur. Com músicas como California Love e All Eyez on Me, 2pac, como era conhecido no meio, era considerado um dos maiores e mais importantes nomes do rap estadunidense, e foi alvejado à tiros no dia 7 de setembro de 1996, e morreu no dia 13 de setembro, no Centro Médico Universitário de Las Vegas. A motivação do crime ainda pode ser considerada incerta mesmo nos dias de hoje, entretanto acredita-se que tenha sido uma vingança, por uma briga entre o 2Pac e o sobrinho de Duane Keffe D Davis.

O movimento do Rap chegou ao Brasil no final da década de 80, mais precisamente no ano de 1986, em meio a muito preconceito e rejeição do público, que pensava de forma veemente que o rap era algo

violento de periferia. Na década de 90, o rap chega às rádios nacionais, alguns artistas que faziam sucesso naquela época eram: Gabriel, o Pensador, a banda Planet Hemp, de Marcelo D2 e BNegão e um dos grandes grupos de rap não só do Brasil, mas de todo o mundo: Racionais MC's. Nos dias de hoje, pode-se dizer que o estilo musical está anexado no cenário musical brasileiro, o rap superou os preconceitos e ganhou uma atenção nacional.

No ano de 1995, o grupo Fação Central se destacou como o principal nome do rap brasileiro da época, com o álbum "Juventude de Atitude" já em 97, os Racionais MC's lançaram "Sobrevivendo no Inferno". O álbum se tornou um dos maiores clássicos do rap nacional e, 5 anos depois, em 2002, o grupo lançava o lendário "Nada Como Um Dia Após o Outro Dia". Na mesma época, Sabotagem revolucionou o rap nacional com o disco "Rap é Compromisso", de 2000. O rap no Brasil estava em ascensão, superando quaisquer barreiras que havia enfrentado nos anos anteriores.

Camilla Fortes é de Aracatuba, São Paulo e é Dj e Produtora Cultural, e utiliza o nome artístico de Camiska. Ela explica que o rap brasileiro, assim como o americano, vem de uma raiz, periférica, majoritariamente preta e margina-

lizada e que encontrou na música uma forma de denunciar as desigualdades sociais e a opressão vividas diariamente. "Para mim, a conexão é essencialmente a visibilidade para pessoas, vozes e expressões que são diariamente silenciadas. Além disso, ambos os movimentos já se tornaram bem mais do que apenas música - hoje, o hip-hop está presente na cultura, moda, linguagem e comportamento."

Camiska também conta um pouco sobre o cenário musical do Rap nos anos 90/00, nos EUA e no Brasil, destacando a importância deste movimento nestes países: "Enquanto nos EUA o rap vivia sua década de ouro nos anos 90, expandindo-se e tornando-se uma indústria milionária, o rap no Brasil ainda se consolidava nesta mesma época. O movimento estava começando, surgiam batalhas de rima, e o rap era exclusivamente uma ferramenta de resistência. No Brasil também foi um momento de expansão, o movimento começava a chegar em outras regiões além de SP, e RJ também ganha força e destaque. Artistas como Gabriel, o Pensador, MV Bill e Marechal, ditaram o tom da época. Basicamente, enquanto o rap americano já começava a atingir a massa nos anos 90, o rap brasileiro ainda dava seus primeiros

passos, mas nos anos 2000, o movimento foi bem parecido, se expandiu cada vez mais para o mainstream e gerou obras com grande impacto cultural até hoje.

Felipe Maquiné Santos Silva tem 22 anos e é natural de São Gonçalo, RJ, também é produtor musical e dj, ele comenta que enxerga a relação entre o rap nacional e internacional como uma fonte, que estamos sempre bebendo do que fazem lá fora: "Eu acho que a gente tem a relação com eles no sentido de beber da fonte, de beber das estéticas. Seja de beat, seja de flow, seja de letra, seja de roupa, eles são sempre buscando uma forma de ganhar vantagem em cima de nós.

Felipe também argumenta que o rap pode ser visto como uma ferramenta de voz para o povo marginalizado, para a juventude da favela hoje em dia. Mas não mais no aspecto de conscientização, mas sim no aspecto de resistência. "Eu vejo que quando a gente fala de rap como um elemento, assim, como uma arte pra dar voz, a gente vai muito naquela parada do conscientizar, do letramento, mas se a gente for pensar no rap hoje em dia, a gente vai ver que é vazio, sabe? Não tem conteúdo, mas tem sentido, significado pra quem pra quem é da favela, sabe?"



Platéia acompanhando o show de rap

FOTO GERADA POR IA

Festivais de música agitaram a capital mineira no mês de setembro

Eventos de música tem atraído milhares de fãs em Belo Horizonte e incentivado o turismo e a visibilidade da região



Festival Cultural Sarará, 2024

Bruna Sarnaglia . 2º p
João Pedro Guido . 2º p
Isadora Vianna . 2º p

na cidade de Santa Luzia, na grande BH. O evento, que já passou por outros estados do país, reuniu diversos artistas como Vintage Culture, Victor Lou e Mochakk.

Para o estudante Yago Marques, a experiência foi bastante proveitosa: "De modo geral, a infraestrutura do evento foi muito boa, com a presença de três palcos com atrações e muitos espaços para as pessoas comparem bebidas e alimentos. Inclusive, a segurança também foi muito positiva: inúmeros postos médicos e um policiamento considerável. Acho que sem dúvidas, o festival atraiu muitos turistas e trouxe uma enorme visibilidade para Belo Horizonte".

Outro destaque foi a Beagrim, um evento tradicional da capital. A festa contempla estilos de música eletrônica inglesa, bass music brasileira e o grime. Na última edição a Beagrim celebrou seus 5 anos, a line up com Ruadois, ogoin & linguini, MIB, Akila e Wel.

Para a comemoração, trouxeram um artista carioca conhecido pelo grime: VND, que fez a estreia de seu novo álbum "Onde as histórias se cruzam" sem contar os hits que estavam à espera do público como "Cachorrada" e "40'40".

O evento, que ocorreu na Autêntica BH, contou com 2 mil ingressos vendidos e foi muito aclamado pelo público.

Em nota, a Belotur, empresa municipal de turismo, descreveu com otimismo a agenda cultural da capital: "Belo Horizonte é um autêntico caldeirão cultural, repleto de eventos que refletem a rica diversidade da cidade. Além da agenda vibrante, a cidade conta com um modo acolhedor de receber que é amplamente reconhecido em todo o Brasil". A empresa também citou um levantamento feito pela plataforma de vendas de ingressos online Symply em 2023: "Nos últimos anos, Belo Horizonte tem se aproximado de São Paulo em número de shows, superando a maior metrópole do país em volume de ingressos emitidos no ano passado".

Belo Horizonte é um verdadeiro celeiro de talentos e continua produzindo, ao longo dos seus 126 anos de história, novos modos de celebrar a arte musical e a identidade de seu povo. Sem dúvidas, a cidade se consolidou como um dos maiores polos culturais do Brasil e um local onde a diversidade de vozes e histórias da indústria fonográfica é muito bem-vinda.

Ainda Estou Aqui é o filme indicado pelo Brasil ao Oscar 2025



Ana Clara Torres . 4º p

"Ainda estou aqui", novo longa-metragem de Walter Salles, foi escolhido para disputar vaga na categoria de melhor filme internacional no Oscar de 2025. O longa foi selecionado pela Academia Brasileira de Cinema, entre seis filmes finalistas, sendo eles: "Cidade Campo", de Juliana Rojas; "Levante", de Lillah Halla; "Motel Destino", de Karim Ainouz; "Saudade Fez Morada Aqui Dentro", de Haroldo Borges e "Sem Coração", de Nara Normande e Tião. A lista oficial dos pré-selecionados será divulgada pela Academia de Hollywood, no dia 17 de dezembro de 2024.

A obra é uma adaptação do livro "Ainda estou aqui", de Marcelo Rubens Paiva, escritor e dramaturgo brasileiro. Um relato autobiográfico do autor, o exemplar conta o percurso da vida da família Paiva: Rubens, o pai, Eunice, a mãe, e seus cinco filhos. Na trama, Eunice (Fernanda Torres), esposa de Rubens Paiva (Selton Mello), lida com as mudanças de sua vida após o desaparecimento do marido, ocasionado pela repressão da ditadura militar.

O longa vem conquistando grande espaço e reconhecimento no cenário internacional, sendo exibido em festivais de cinema, como o de Toronto, no Canadá, de San Sebastián, na Espanha, e será

reproduzido no Festival de Nova York, que acontecerá no período de 27 de setembro a 14 de outubro. Além das exibições bem sucedidas, o filme venceu o prêmio de Melhor Roteiro no Festival de Veneza.

A atuação de Fernanda Torres em "Ainda estou aqui" está sendo amplamente reconhecida. O Critics Choice Awards, premiação internacional, concedeu uma homenagem a Torres, anunciando que ela receberá um prêmio da categoria "Latin Celebration", em que artistas latino-americanos de destaque no cinema são premiados. O jornalista Scott Feinberg, editor executivo de premiações do The Hollywood Reporter, um dos maiores veículos dos Estados Unidos, citou Torres como uma forte candidata para a categoria de Melhor Atriz, no Oscar.

Feinberg destacou o longa de Walter Salles como grande concorrente nas categorias de Melhor Filme e Melhor Filme Internacional, assim como Melhor Direção, Direção de Arte, Roteiro Adaptado e Figurino. O jornalista citou, também, Selton Mello como possível indicação para a categoria de Melhor Ator Coadjuvante, pelo seu desempenho como Rubens Paiva. O ator comemorou a menção em seus perfis nas mídias sociais. "Scott Feinberg é considerado a pessoa que mais entende do Oscar e soltou essa lista com suas previsões na Hollywood Reporter. Ele colocou meu trabalho ali, em destaque, ao lado de gente que admiro muito. Nem sei descrever o que foi ler essa lista. Acho que vou enquadrar e guardar", afirma Mello.

O longa terá sua estreia no Brasil na 48ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, iniciada em 17 de Outubro. "Ainda Estou Aqui", primeiro filme original GloboPlay, terá sua distribuição comercial feita pela Sony Pictures, uma das maiores empresas de entretenimento, a partir do dia 7 de novembro nos cinemas.

Fernanda Montenegro é responsável por interpretar Eunice Paiva nas cenas finais do longa. A atriz trabalha novamente com Walter Salles 26 anos após a produção de "Central do Brasil", obra que ganhou inúmeros prêmios, como o Globo de Ouro de melhor longa-metragem estrangeiro, assim como o Bafta de melhor filme em língua não inglesa. Montenegro recebeu o prêmio Urso de Prata por seu papel como Dora, além da indicação ao Oscar de Melhor Atriz no ano de 1999, no qual a artista perdeu o prêmio para Gwyneth Paltrow.

Em publicação feita pela Academia Brasileira de Cinema, Bárbara Paz, presidente da Comissão de Seleção, declarou: "Estou orgulhosa de presidir essa comissão, que foi unânime na escolha desse grande filme sobre memória, um retrato emocionante de uma família sob a ditadura militar. 'Ainda Estou Aqui' é uma obra-prima, sobre o olhar de uma mulher, Eunice Paiva, e com atuações sublimes das duas Fernandas. Esse é um momento histórico para nosso cinema. Não tenho dúvida que esse filme tem grandes chances de colocar o Brasil de novo entre os melhores do mundo. Nós, da indústria do audiovisual brasileiro, merecemos isso".

O longa terá sua estreia no Brasil na 48ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, iniciada em 17 de Outubro. "Ainda Estou Aqui", primeiro filme original GloboPlay, terá sua distribuição comercial feita pela Sony Pictures, uma das maiores empresas de entretenimento, a partir do dia 7 de novembro nos cinemas.



DIVULGAÇÃO



Cantor de rap se apresentando em festival

Takão

Maria Luíza Mendes . 2ºp
Marina Saddi . 2ºp

Qual a influência de Dom Serafim sobre sua vida e formação?

Conheci meu irmão só aos 6 anos. Quando minha mãe estava grávida de mim, ele partiu para estudar na Itália, e naquele tempo, não havia comunicação rápida, apenas cartas que levavam meses para chegar. Minha relação com Dom Serafim sempre foi muito próxima. Eu o admirava e conversava bastante com ele, inclusive sobre questões da igreja. Perguntei: "Preciso mesmo confessar com um padre? Não preciso de intermediário. Deus está lá e sabe que estou aqui, eu converso direto com Ele." Dom Serafim ria muito, e o assunto não rendia. Ele sempre soube que eu gostava de falar com Deus.

Como surgiu sua relação com o esporte? Houve alguma influência de Dom Serafim?

A história do futsal e da Seleção Brasileira começou no colégio Santo Antônio. Voltei dos Estados Unidos com dois diplomas de inglês e comecei a dar aula no colégio Dom Cabral. Estava sempre no Santo Antônio, até que o Frei Aristides me chamou. Disse que o Frei Jaime, professor de inglês, ficaria sete meses na Holanda e perguntou se eu queria substituí-lo. Aceitei, mas disse que precisava resolver com o outro colégio. Ele sugeriu que conversasse com eles e organizasse. Fui dar aula no Santo Antônio. Depois de passar no vestibular, falei com o Frei Aristides para saber quantas aulas daria e se valeria a pena financeiramente. Ele me disse que, além de professor, eu seria diretor de esportes. Perguntei sobre os horários, e ele respondeu que seria quando eu pudesse. Terminava a aula às 17h e já acompanhava as competições. Na época, o Santo Antônio tinha um convênio com a equipe Arsenal, tradicional no futsal de Belo Horizonte, que treinava lá. Eu sempre assistia aos treinos. Fiz amizade com Júlio Grosso, treinador do Arsenal, e passei a me interessar mais. Nos Estados Unidos, jogava vôlei, mas lá comecei a jogar basquete. Para mim, o basquete é muito parecido com o futsal: cinco para cada lado, correria o tempo todo, jogadas ensaiadas. Tinha apostilas com jogadas de basquete e comecei a aplicá-las no futsal. Usei essas ideias com Marcos Pinto Coelho, treinador em Belo Horizonte, que faleceu jovem. Ele era do Olímpico, mas nossa amizade ia além das rivalidades. Trabalhei com ele na Seleção Mineira, e minha ligação com o esporte cresceu. Urbano Santiago, ex-atleta e candidato a presidente do Minas, perguntou se eu votaria nele. Respondi que sim, se houvesse futsal. Ele prometeu que, se ganhasse, eu assumiria. Ganhou e pediu que eu saísse do Arsenal para ir ao Minas. Foi difícil, mas aceitei. Lá, surgiram novas oportunidades em torneios nacionais. Foi assim que tudo aconteceu, até que o Brasil perdeu o Mundial de Futsal.

E como o senhor chegou até a Seleção Brasileira de futsal?

Em 1988, o Brasil perdeu para o Paraguai na final de futsal e demitiu o treinador. Em 1989, o Brasil foi ao Campeonato Mundial com o time do Bradesco, que tinha uma equipe excelente no Rio. A comissão técnica era toda do Bradesco, e o time venceu o torneio. Depois disso, perguntei: "Quem vai assumir a seleção?"

Fui convidado enquanto estava em São Paulo, participando de um torneio na General Motors. Era uma época difícil, e não tinha celular. À noite, liguei para minha esposa em Belo Horizonte e disse que não aceitaria o convite. Ela respondeu: "Agora que você comeu osso, chegou a hora do filé, e você vai provar." Percebi que ela estava certa e aceitei o convite.

Em uma entrevista recente para a Globo, falei pela primeira vez sobre isso: fui treinador da seleção brasileira por 10 anos. Nunca quis receber salário. Fiz tudo por paixão e pelo prazer de estar lá.

E como conciliar a vida de dentista, de professor, de técnico e a vida pessoal?

Meus horários como professor eram tranquilos, trabalhando apenas de manhã, e na época não havia treinos. Quando voltei, já tinha uma clínica grande, onde dois cunhados, que fizeram pós-graduação comigo na PUC, sempre trabalharam comigo.

Com o apoio deles, segui meus planos e voltei ao Brasil. Fui reitor de 2004 a 2007, mas decidi não continuar. Durante um congresso em Las Vegas, um professor da Universidade de St. Louis, onde trabalhei, me convidou para voltar, oferecendo meu salário antigo com reajustes. Aceitei e disse que queria apenas dar aula.

Voltei em 2007 e fiquei até 2019. Fui diretor do programa, recebi homenagens e hoje sou professor de honra, com minha foto na faculdade. Em 2025, no congresso mundial de ortodontia no Rio de Janeiro, com cinco a seis mil participantes, fui escolhido para abrir o evento representando os ortodontistas brasileiros. Sinto um frio na barriga, mas é uma grande honra.

E qual era, ainda na área do futsal, a maior dificuldade como técnico?

Nunca tive dificuldade de relacionamento, mas a mentalidade dos jogadores era muito amadora. Queriam apenas jogar bola, sem interesse em preparo físico. Consegui um preparador físico para trabalhar comigo na seleção, Beto Vieira, de Belo Horizonte, que também foi professor na PUC.

Beto conseguiu convencer os jogadores de que não podiam jogar sem preparo adequado. No futsal, corre-se muito, mais do que no futebol de

Técnico bicampeão com a seleção brasileira de futsal, professor das faculdades de Ciências Médicas em Belo Horizonte, de St. Louis nos Estados Unidos, ex-reitor da PUC Minas, e dentista. José Eustáquio de Araújo, o Takão, uma pessoa de muitas virtudes e que já esteve no mais alto nível do futsal, conta um pouco mais da sua história, que inclui ser o irmão mais novo de Dom Serafim Fernandes de Araújo, o cardeal arcebispo metropolitano que completaria 100 anos em 2024.

campo. Jogam quase diariamente, como na NBA, com quatro jogos por semana. É extremamente desgastante. A maior dificuldade era fazer os atletas entenderem que o preparo físico fazia parte do trabalho.

Felizmente, eu não precisava cuidar dessa parte, pois não teria condições de fazê-lo.

Gostaríamos de saber como o senhor recebeu a notícia do hexacampeonato da Seleção Brasileira de futsal?

Recebi com muita alegria, mas quero dizer uma coisa: até 1988, o futsal era gerido pela FIFUSA. A partir de 1989, passou para a FIFA, quando o Bradesco representou o Brasil. Antes de 88, o Brasil já havia vencido alguns campeonatos, mas o primeiro título oficial pela FIFA foi em 1989, seguido por 92 e 96, ambos comigo. Depois disso, vieram outros treinadores, e o Brasil ficou um tempo sem vencer até retomar os títulos. Conquistei o bi e o tri. O tetra e o penta vieram com outros técnicos, e o hexa foi conquistado por Marquinhos Xavier, um excelente treinador e pessoa. Na nossa época, o jogo era mais aberto, com marcação menos rígida, o que deixava o jogo mais bonito e artístico. Em uma entrevista à Rede Globo, disse que o futsal era uma coreografia bem ensaiada, como um balé, porque trabalhávamos todas as movimentações com precisão. Hoje, os padrões defensivos cresceram e diminuíram a ofensividade, tornando o jogo diferente. Assim que o Brasil ganhou o hexa, liguei imediatamente para Marquinhos Xavier para parabenizá-lo. Tenho uma boa relação com ele e conheço bem o treinador, mas não sabia quem eram os atletas dessa nova geração.

